Bem-te-vi

VOL. I
NUM. 4

SÃO PAULO, ABRIL, 1923

NUMERO AVULSO $500
ASSIGNATURA ANNUAL 5$000





OURO E O CARVÃO



O luzente metal, o rei do mundo
Ao carvão disse um dia:
"Como lastimo, ó mineral immundo,
O teu destino e baixa serventia!
A' gente que se preza és odioso;
Si alguem te pega, logo se enxovalha;
Ah! que emprego famoso:
Servir para a fornalha!

Mais liberal commigo foi a sorte!
Me adora o grande, almeja-me o pequeno,
E até a propria morte
O horror encobre o meu fulgor sereno!
Do santuario as galas abrilhanto,
Do solio vulto a natural grandeza:
Converto em riso o pranto
E em virtude a torpeza;

Santa Helena Magnu



Sou eu a luz das opulentas salas
Onde tine o crystal das finas taças;
Rivaliso do sol c'os fulvos raios
Do joalheiro nas nitidas vidraças!
Sou das damas o enlevo e a ternura,
Forjo do amor a mais aguda setta;
Sem mim a formosura
Não se julga completa!"



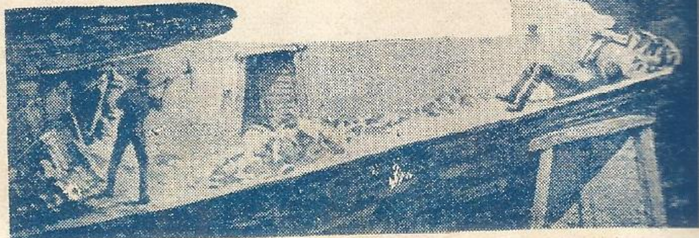
"Basta, diz-lhe o carvão, ouro vaidoso;
Assim te fez a gente
O metal chamando-te **precioso**,
Como si fôra merito o accidente!
. . . .
Negro, como me vês, sou necessario,
E mais serviço presto á humanidade
Do que tu, deus inutil do usurario;
Entra e vê na cidade:





Ferve o rumor e a faina do trabalho,
Ergue-se o fumo em rolos ondeantes;
Sou eu que forja e o malho
E os braços movo ás fabricas possantes!
Eu da industria os agentes alimento,
Dou azas ao vapor, que em ligeireza
Excede ao proprio vento;
E si queres mais fóros de nobreza,
De mim se gera o maximo portento,
A rainha das pedras—o diamante!
Julgas-me vil ainda, ouro arrogante?





BEM-TE-VI

EDITADO PELA IMPRENSA METHODISTA, RUA DA LIBERDADE, 117 — REDACTORA — L. F. EPPS.

ANNO I :::: N. 4 — REVISTA MENSAL | São Paulo-Brasil, Abril 1923 | ASSIGNATURA ANNUAL. . . 5$000

Diamante Preto

"Diamante Preto" era o nome de uma egua pretinha como carvão. Tinha a crina preta, cauda preta, patas pretas, mas devido a uma mancha branca na testa, deram-lhe o nome de "Diamante".

Diamante morava na Inglaterra e seu dono era vendedor de milho. Ella puxava sua carroça amarella com rodas vermelhas, por todos os atalhos das montanhas, carregando saccos e saccos de milho para o moinho e depois fubá para as cabanas dos moradores.

Toda gente conhecia Diamante e as crianças muita vez brincavam de cavallo, cada um querendo representar Diamante.

Certo dia de inverno, muito frio, Diamante escorregou no gelo e rolou pela montanha abaixo. Coitada! Foi mesmo cair no meio da estrada, com os arreios rebentados como tenues fios de barbante. A carroça tombou-lhe em cima e a machucou horrivelmente, chegando até a lhe quebrar uma perna.

Depois deste incidente, Diamante foi, por muito tempo, um animal inutil. Nada fazia: passava os dias na cavallariça, sósinha, a ruminar tristemente um pouco de palha secca.

Certo dia, porém, seu dono foi vêla, na companhia de um estranho. Examinaram-na, alisaram-lhe o pello e sahiram falando em dinheiro. No dia seguinte voltou o estranho, pegou-a, pozlhe o cabresto e a levou para fóra da cavallariça. Uma carroça esperava na estrada. Diamante foi atrellada á carroça; o estranho tomou as rédeas e disse:

"Diamante é uma bonita egua".

"Ora, se é!", respondeu o dono. "A quebradura da perna não a offendeu em nada. Até parece que está agora mais forte!".

E lá se foram pela estrada: Diamante, puxando a carroça, e seu novo dono.

Depois de bastante caminharem, chegaram a uma região suja e triste, onde havia enormes machinas que faziam um barulho infernal. Ahi Diamante viu grandes chaminés, rodas que giravam sem cessar, cabanas miseraveis, pilhas de carvão, montões de pedras e homens rôtos, magros e ennegrecidos como os limpadores de chaminés. Depois levaram-na para um barracão, onde seu novo dono se encontrou com mais tres ou quatro homens de rosto negro, que a examinaram cuidadosamente.

"E' bem bonita!" disse um, alisando-lhe o pello.

"E parece forte", falou um outro.

"Como se chama?" perguntou um terceiro.

"Diamante", foi a resposta.

"Pois, Diamante, olhe o sol pela ultima vez!" disse outro, num tom que revelava indefinivel tristeza.

Em seguida, cobriram com um panno os olhos de Diamante.

"Venha commigo", disse um, brandamente.

Diamante, amedrontada, ia apalpando o caminho e resfolegando penosamente. De repente, seus cascos bateram em madeira. Ella saltou, assustada.

"Eia, eia!" disse o homem. "Isso não é nada. Não ha perigo".

Diamante havia entrado num elevador, dos muitos que faziam o serviço de subida e descida nas minas de carvão da Inglaterra. A porta fechou-se com estrondo. Diamante deu um salto. Depois, só se ouvia um barulho rangedor de correntes e engrenagens.

"Tudo vae bem", disse o guia de Diamante, acarinhando-lhe a crina.

Afinal, o elevador parou. Quando lhe tiraram a venda dos olhos, Diamante certificou-se que estava num logar completamente escuro, sem grama nem céu. Coitada! Ella não podia ver coisa alguma e respirava com difficuldade. Quando seus olhos se habituaram á escuridão, viu que estava num subterraneo escuro, com paredes, tecto e soalho, e que ao longe brilhava a luz de uma lanterna.

Depois a levaram para deante, e ella viu muitas outras lanternas e homens que trabalhavam num continuo ruido de vozes. Nisto ella lobrigou um outro cavallo a puxar uma carroça e seu coração socegou um pouco. Levaram-na á estrebaria, cujos compartimentos estavam limpos e abarrotados de boa palha. Ahi havia muitos cavallos que, ao se aperceberem de sua chegada, começaram a relinchar, dando-lhe as boas vindas. Diamante respondeu do modo mais amigavel possivel, sentindo-se comtudo bem triste por vir morar debaixo da terra, longe do ceu e do sol amigo.

Depois o guia offereceu-lhe um pouco de milho e feno, mas Diamante a tudo recusou.

"Não seja tolinha", disse-lhe o guia. "Um homem e um cavallo a tudo se habituam. Em breve você comerá tão bem aqui, como lá em cima no pasto. Tenho muita experiencia do officio... Ha trinta e sete annos que lido com cavallos aqui nas minas! Chamo-me Guilherme e está para nascer o equino que não goste de mim! Em primeiro logar



Diamante Preto

vou trocar o seu nome, que será, daqui por deante, "Diamante Preto". Você tem de trabalhar todo o resto da vida no meio do carvão... Aqui não temos ar fresco, nem arvores, nem ceus, nem aves, nem creanças... Mas, escute aqui, Diamante Preto: nem todos podem viver nos logares agradaveis e alegres. Alguns têm de morar em palacios, ao passo que outros têm de morar nas minas. Quer saber de uma cousa? E' bem melhor você estar aqui commigo do que puxar carroça pelos maus caminhos ou pelas ruas de Londres. Não tenho razão? Agora, coma um pouquinho, Diamante Preto! E queira bem ao seu amigo Guilherme. Guilherme é o meu nome, está ouvindo?" Assim falava o tratador de cavallos, acariciando o pescoço de Diamante que pareceu sentir a amizade do mineiro compensar um pouco a perda da luz do sol e do ar aprazivel da terra.

Guilherme sempre lhe trazia maçãs e cenouras; os outros mineiros a affagavam e em breve Diamante Preto se tornou a favorita de todos. Comtudo não notava que sua vista ia escurecendo pouco a pouco. Trabalhava arduamente, comia bem, dormia bem e vivia mais ou menos feliz lá nas profundezas das minas. Mas sua cegueira ia augmentando dia a dia, até que, finalmente, Diamante Preto ficou completamente céga.

E um dia nasceu-lhe um potrinho, bonito e preto como a mãe. E Diamante consolava-se em lhe contar a alegria e a belleza das cousas lá de cima. Falava-lhe do sol, do céu, das arvores, das aves, das flores e das creanças. O potrinho meneava a cabeça em ar de duvida.

"Será verdade o que mamãe está falando?" perguntava. "De certo são historias da carochinha..."

E assim sempre acontece: aquelles que nasceram nas trevas e que nunca viram a luz, não podem mesmo imaginar que existe um sol que brilha, espalhando claridade por todos os recantos.

Comtudo, Diamante Preto não se cançava de asseverar que existia o sol, que o céu lá fóra era limpido e azul, que as flores eram lindamente coloridas, que os olhos das creanças eram meigos e brilhantes... E na sua cegueira, a unica consolação era recordar os bons dias que passara no meio das glorias da terra.

Pobre, pobre Diamante!

Um grande homem viajando na China:

"Então pequeno, coitado de você.

Não acha pesada demais a sua carga?"

O MENINO:

"Não senhor! De certo que não! Elle é meu irmão."



"Deus fez as mulheres bellas e tolas. Bellas, para que os homens as amassem; tolas, para que ellas amassem aos homens".

A ignorancia é um inimigo que conquista o intellecto

A ignorancia, em seguida á maldade, é o mais mortal inimigo do homem.



Um modo de viajar na India



PLUTÃO



Negro, com os olhos em brasa,
Bom, fiel e brincalhão,
Era a alegria da casa
O corajoso Plutão.





Fortissimo, agil no salto,
Era o terror dos caminhos,
E duas vezes mais alto
Do que o seu dono Carlinhos.

Jámais á casa chegára
Nem a sombra de um ladrão;
Pois fazia medo a cara
Do destemido Plutão.





Dormia durante o dia,
Mas, quando a noite chegava,
Junto á porta se estendia,
Montando guarda ficava.

Porém Carlos, rolando
Com elle ás tontas no chão,
Nunca sahia chorando
Mordido pelo Plutão...





Plutão velava-lhe o somno,
Seguia-o quando acordado;
O seu pequeno dono
Era todo o seu cuidado.

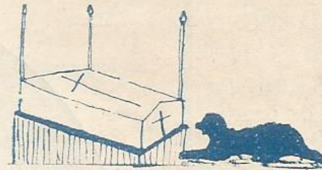
Um dia cahia doente
Carlinhos... Junto ao colchão
Vivia constantemente
Triste e abatido, o Plutão.





Vieram muitos doutores.
Em vão. Toda a casa afflicta,
Era uma casa de dores,
Era uma casa maldicta.

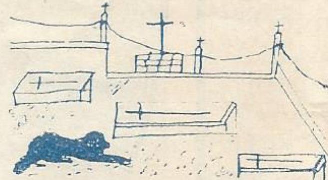
Morreu Carlinhos... A um canto,
Gania e ladrava o cão;
E tinha os olhos em pranto,
Como um homem, o Plutão.





Depois, seguiu o menino,
Seguiu-o calado e serio;
Quiz ter o mesmo destino:
Não sahiu do cemiterio.

Foram um dia á procura
Delle. E, esticado no chão,
Junto de uma sepultura.
Acharam morto o Plutão.



(Olavo Bilac).

Os Elephantes e a Lua

(Uma lenda contada na India ha 3.000 annos)

Era uma vez um bando de elephantes que não podia encontrar agua para beber. Finalmente descobriram um lago perto do qual moravam muitas lebres. Diariamente os elephantes iam beber agua nesse lago e matavam algumas lebres. O numero de lebres mortas já era elevado e as outras lebres começaram a pensar em acabar com tão cruel zombaria. Para isso convocaram uma reunião das lebres. Depois de uma longa discussão uma lebre velha levantou-se e disse: "Eu sei como podemos fazer para que os elephantes deixem o lago."

A velha lebre cinzenta, de pé, olhando para o sol que se escondia no horizonte, ia falar ás companheiras quando ouviu um rumor de folhagens seccas. Os elephantes se approximavam. Com o coração batendo violentamente a velha lebre se dirigiu ao elephante-guia dizendo: "Senhor, sou a embaixatriz da Lua e venho para lhe dizer que este lago é della e que nós as lebres somos as guardas."

"Não sabia," disse o elephante.

"Pois bem, se quizer uma prova, venha á noite e verá a Lua raivosa tremendo dentro do lago."

O elephante-guia acceitou o convite e á noite veio á margem do lago e lá pôde ver a Lua raivosa agitando a tranquilla agua.

"Pois não," disse o elephante-guia, "prometto que abandonaremos este lago."

E nunca mais os elephantes beberam a agua do lago.

"A superstição faz muitas vezes os fortes tremerem."

— HEROES DA FE' —



Desde o principio Deus tem usado os grandes homens para serem os guias do trabalho na salvação do mundo. No Velho Testamento temos as historias de muitos heroes como Abrahão, Moysés e Josué. Estes ouviram a voz de Deus, obedeceram-n-O e ajudaram-n-O na conquista dos inimigos do povo de Deus.

No Novo Testamento encontramos a historia da vida de Jesus. Elle estabeleceu o Seu Reino e partiu, deixando este grande trabalho nas mãos dos seus discipulos. Temos a historia de São Paulo, um homem sabio e bem instruido. Quando Deus chamou para dedicar a sua vida ao trabalho do Evangelho, elle "não foi desobediente á visão celestial."

Até hoje este é o unico plano de Deus para a salvação dos seus filhos perdidos. Um grande escriptor disse: "Deus não tem mãos, nem pés, nem lingua, senão os dos seus filhos."

Na historia do estabelecimento da egreja em todos os paizes do mundo acham-se heroes que luctaram pela causa de Christo.

Na Egreja Protestante, Luthero, João Wesley e Calvino são reconhecidos como reformadores.

O Rev. Eduardo Carlos Pereira, reconhecido pela Egreja Protestante Brasileira como um heroe forte e corajoso, foi um reformador de muita influencia. Fez mais do que qualquer outro no estabelecimento da egreja protestante nacional. O Rev. Eduardo viu que para o Protestantismo implantar-se no paiz era necessaria uma egreja nacional, ísto é, arranjar o sustento proprio e um ministerio brasileiro.

Como os grandes heroes da fé, o Rev. Eduardo recebeu das mãos do Senhor uma grande obra a fazer e cumpriu fielmente a sua missão. Gigante na fé, nunca começou cousa alguma sem a segurança perfeita de que Deus o abençoava no seu acto. Modelo de obediencia christã foi tambem elle. O seu desapparecimento representa hoje uma perda irreparavel...

Este grande trabalhador foi chamado para receber seu galardão. Hoje Deus está chamando outros para continuarem o importante trabalho.

OS CÃES DE SÃO BERNARDO



Os Alpes, na Europa são grandes montanhas cujos cumes mais altos estão sempre cobertos de neve. Ha muitos annos quando não havia passagem atravez dos Alpes, os viajantes que iam da Allemanha para a Italia ou da Italia para a Allemanha atravessavam os cumes destas montanhas.



Estas viagens são perigosas, especialmente quando o inverno cobre os picos com uma camada profunda de neve.

Em cada cume transitado, construiram um hospital-refugio para soccorrer os pobres viajantes que atravessam essas montanhas durante o inverno. Nestes hospitaes vivem piedosos frades e os celebres cães de São Bernardo.

Estes cães são ensinados a procurar os viajantes e levam ao pescoço um frasco contendo vinho, para reanimar esses infelizes, que muitas vezes ficam horas sem alimento e sem saber onde estão.

Os cães quando encontram um viajante que a nevoada apanhou no caminho, dão-lhe do vinho e guiam-no para o hospital-refugio. Muitas vezes, porém, o viajante se deixa vencer de cansaço, caindo enregelado e afundando-se na neve. Então o cão começa a afastar a neve que o cobre e si não dá signal de vida, deita-se em cima do infeliz para aquecel-o e, ladrando, chama pelo soccorro dos frades, conseguindo muitas vezes salvar assim a vida das pessoas. Este fiel animal chega ao ponto de carregar o infeliz, quando não é muito pesado, para o hospital-refugio.

Um dia, um desses cães, achando um homem enterrado na neve, desenterrou-o e deitou em cima delle para aquecel-o. Quando o homem reviveu, sentindo um corpo quente em cima de si, pensou que fosse um lobo e tirando o punhal deu-lhe uma punhalada. O pobre cão dando alguns passos caiu morto.

Os frades conservam até hoje, em um dos hospitaes, a pelle do valente animal que morreu quando procurava salvar uma vida.

"Orgulho humano, qual és tu mais—feroz, estupido ou ridiculo?"

(Alexandre Herculano)

OS CIGANOS

"Cigano" é o nome dado a um povo muito conhecido na Europa. Só na Grã-Bretanha ha mais de 20.000 ciganos. E' uma raça que não tem domicilio fixo, gosta de viver em casas ambulantes, e passa a vida inteira viajando de um logar para outro nessa casa exquisita. Esta não passa de uma carroça grande, coberta de panno ou ás vezes de madeira. E' muito parecida com uma pequena casa, tem quatro rodas e é puxada por cavallos. Geralmente uma familia de ciganos tem um desses carros e uma tenda leve, que é facilmente transportada.

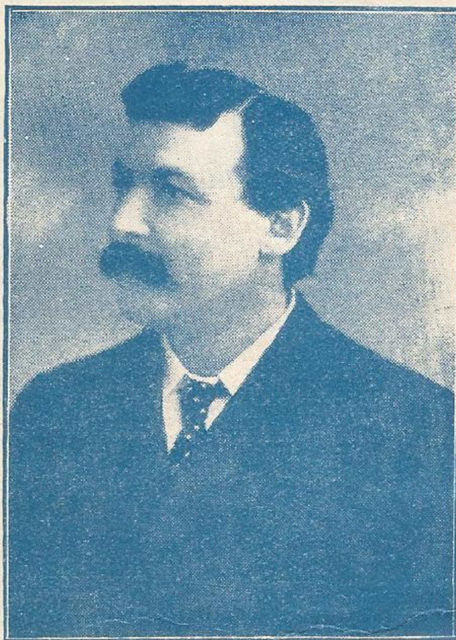
Esta serve para protegel-os durante o inverno ou quando chove.

Muitas vezes, porém, elles dormem no chão, em baixo das arvores, na floresta ou ao redor de um fogo no campo. Gostam muito do ar livre e têm verdadeiro amor para com a natureza.

EM NOSSA TENDA

(Por um Cigano)

Ha 63 annos, nasci numa tenda de ciganos na Inglaterra e fui chamado "Rodney". Meus paes eram ciganos. Por muitos annos não sabia o logar, nem o anno em que eu tinha nascido. Mamãe morreu quando ainda eu era pequeno e meu pae não se lembrava da data exacta do meu nascimento, mas tinha contado mais ou menos o logar a minha tia. Então titia foi lá e examinou o registro da egreja e achou que nasci no dia 31 de março de 1860. Os ciganos não se importam muito com religião e não sabem nada de Deus e da Biblia, mas sempre mandam baptizar todos os seus filhos. Fazem isto porque quando o pastor é convidado a ir á tenda para baptizar uma creança, é sempre acompanhado por algumas senhoras da egreja. Ellas vão unicamente para satisfazer a curiosidade, mas ao mesmo tempo sempre levam presente para a creança e para a mãe. O pastor é sempre aquelle que, por acaso, mora perto do logar onde nasce a creancinha.



Os ciganos não são instruidos; 99 °|° delles nunca pegaram num lapis para escrever e poucos sabem ler até o seu proprio nome. Não têm Biblias e não se importam com religião, mas ao mesmo tempo 80 °|° de nosso povo tem nomes biblicos. Meu pae chamava-se Cornelius, minha mãe Mary, meu irmão Ezequiel, e meu tio Bartholomeu era pae de doze filhos e a todos elle deu nomes biblicos—Ruth, Noemi, Elias, Simeão, Sansão, Dalila, etc. Imagine um Sansão e uma Dalila na mesma familia! Não tendo Biblias e não sabendo ler, a questão é esta—Onde arranjamos estes nomes? Com certeza são nomes herdados dos nossos paes e avós. Eu mesmo penso que somos uma das tribus dos filhos de Israel que se perderam. Penso que

somos parentes dos judeus. Já estudei muito este assumpto e acho que os ciganos e os judeus são da mesma raça porque são muito semelhantes. Em primeiro logar somos parecidos, temos olhos, nariz e cabellos iguaes. Guardamos como os judeus um dia da semana para descanço. Bem me lembro, quando eu era menino, Papae fazia todo o seu trabalho durante a semana e não trabalhava no domingo. A's vezes elle andava mais de uma milha no sabbado á noite em busca dum balde de agua para usar no domingo. Mais de uma vez elle bateu em mim porque me esqueci e assobiei no dia de domingo. Era nosso unico dia de descanço e tambem o unico dia da semana em que tinhamos jantar quente ao meio dia. As nossas leis de casamento são exactamente as leis dos judeus, e, como elles, apreciamos muito a musica. Cuidamos bastante do asseio do nosso corpo e fazemos questão de ter nosso alimento limpo e puro. Nunca lavamos nossa louça com sabão, e as toalhas de mesa são sempre lavadas separadamente. Um cigano doente sempre tem sua propria colher, seu prato e sua bacia, e quando elle está restabelecido estes objectos são destruidos ou, depois da sua morte, enterrados juntamente com elle. Quando meu tio morreu, titia comprou um caixão bastante grande para conter todas as cousas que lhe pertenciam incluindo o prato, o pires, a chicara, a faca, o garfo e até a sua rabeca.

Agora quero contar-lhes a respeito de meu pae. Elle nos sustentava fazendo cestos, empalhando cadeiras, fazendo grampos de segurar roupa, e muitos objectos feitos de folha de Flandres. Antes da sua conversão, com certeza, como era o costume de todos os ciganos, Papae achava quasi todos os materiaes que precisava para fazer as cousas que vendia. Os ciganos sempre dizem: "Eu achei" quando realmente deveriam dizer—"Eu roubei". As mulheres dos ciganos vendem os objectos feitos pelos maridos. Os homens são as "fabricas" e as mulheres os "viajantes da casa".

Papae tambem negociava com cavallos e muitas vezes, segundo o costume dos ciganos, passando por um campo ou pasto bonito, parava bem perto para passar a noite ali. Depois de anoitecer elle ia bem quieto abrir o portão do pasto e deixava todos os seus cavallos ali para pastarem a noite inteira. Muitas vezes eu precisava levantar-me e ir com Papae para trazer os cavallos desses pastos antes da madrugada, e antes dos donos se levantarem.

Uma vez, quando estavamos viajando em Hertfordshire, Inglaterra, minha irmã mais velha caiu doente. Fomos o mais depressa possivel á cidade mais

NOTICIA

Quantos dos nossos leitores têm visto um cigano? Olhem para a figura do Cigano Famoso. Seu nome é Rodney Smith. Eu o conheço pessoalmente e tive o prazer de ouvil-o contar a sua historia.

Publicamos hoje o principio da admiravel historia desse homem. E' comprida e interessante. Se os leitores quizerem que saia um capitulo em cada numero do "Bem-Te-Vi", basta enviar-me um cartão contando esse desejo. Se eu receber um bom numero desses pedidos, com muito prazer continuarei a historia. Assim os leitores ficarão sabendo da infancia, da educação e dos trabalhos do cigano que se tornou um grande homem, conhecido em todo o mundo e honrado por varios reis, rainhas e presidentes.

O meu endereço é:

Miss Leila F. Epps
Imprensa Methodista
São Paulo

perto, procurar um medico para tratar da doente. Bem me lembro como se fosse hontem, o nosso carro estava parado na rua em frente da casa do medico, na pequena cidade de Baldock, e Papae o chamou dizendo: "Minha filha está soffrendo tanto, peço-lhe vir depressa e allivial-a." O medico não entrou, ficou na escada de nossa casa ambulante, e olhando pela porta a examinou. Virou-se para Papae e disse, "Sua filha está muito doente; é um caso grave de bexiga e o senhor tem de sair desta cidade immediatamente."

Nós fomos bem depressa a um logar fresco e bonito fóra da cidade. Papae escolheu um justamente perto duma floresta onde havia arvores grandes e ergueu nossa tenda. Deixou Mamãe com os quatro filhos menores ali, emquanto foi adiante, no carro, com a menina doente. Parou não muito longe da tenda onde Mamãe e os outros estavam, mas prohibiu que qualquer de nós chegasse perto de seu "hospital", onde elle era o unico enfermeiro. Tinha muito amor para com os seus filhos, era carinhoso, diligente e muito geitoso, quando Mamãe ou um dos filhos estava doente. Todos os dias Mamãe levava alimento, remedio, etc., a um ponto exactamente entre a tenda e o carro e os deixava ali no chão para papae vir buscal-os. A's vezes estava occupado com a doente e não podia ir immediatamente e quando ia os achava todo coberto de neve, porque estavamos no mez de março e fazia frio; o tempo era muito, muito ruim.

Passaram alguns dias, o meu irmão Ezechiel tambem caiu com a mesma doença e foi levado ao "hospital" de Papae. Coitada de Mamãe, nem posso imaginar como ella soffreu durante estes dias de afflicção: com dois filhos tão doentes ali perto sem poder estar com elles. Mas o medico prohibiu e tambem ella precisava de ficar comnosco na tenda. Estava tão fraca que Papae quiz poupal-a o mais possivel. Mas, dia a dia, quando Mamãe levava a comida e remedio, tão afflicta ficava que cada dia se approximava mais do carro e uma vez chegou tão perto que traspassou o cordão sanitario e apanhou a terrivel molestia. Com isto Papae ficou tão triste e afflicto que quasi perdeu a coragem e a esperança; sabia que era impossivel separar mais os membros doentes do resto da familia. Por isso veio com o carro e os filhos doentes e ficou na tenda comnosco.

Elle e Mamãe casaram-se quando eram muito moços e elle quasi a adorava, sempre fez o possivel para mostrar o seu amor sincero para com ella, com muito boa vontade elle daria sua propria vida para salvar a vida de Mamãe. Por mais de um mez tinha ficado no carro tratando dos filhos dia e noite sósinho, nenhuma vez se despiu para dormir, sempre prompto para fazer o possivel e alliviar os soffrimentos dos seus filhos amados; mas quando Mamãe apanhou a molestia elle ficou tão afflicto que parecia que o seu coração ia romper-se de tristeza. Dia após dia ficou ao lado de Mamãe para confortal-a.

Uma vez conversando com ella Papae perguntou se queria fazer oração e pedir o perdão de Deus. Elle já tinha ouvido a historia do amor de Deus emquanto esteve numa prisão durante tres mezes, por uma accusação falsa. Depois de ficar livre esqueceu todos os sermões que ouviu, mas na hora da afflicção o Espirito Santo lhe fez lembrar-se, e sinceramente pediu o auxilio de Deus. O Espirito Santo estava presente para ajudar Papae emquanto ensinava a Mamãe do amor e misericordia de Deus. Com o coração cheio de gratidão elle saíu da tenda para chorar. Sabia que Mamãe ia morrer e isto lhe causava tristeza inexplicavel, mas tambem sabia que ella tinha achado paz em Deus e consolação na hora do soffrimento. No dia seguinte nasceu nossa irmãzinha. Mamãe ficou cada vez mais fraca e sabendo que não podia mais ser restabelecida, chamou a Papae e, sorrindo disse, "Cornelius, vou-me embora, quero que me faças

uma promessa. Tu serás um bom pae para com os meus queridos filhos?"

Elle prometteu, e desde aquelle dia fez o possivel para cumprir a sua promessa. Logo depois estava fóra da tenda chorando amargamente quando ouviu Mamãe cantando em voz baixa e bonita, "Tenho um Pae na terra promettida, meu Deus, Elle me chama e eu preciso ir." Papae nunca tinha ouvido aquelle hymno, entrou e perguntou, "Polly, meu bem, onde aprendeste esse hymno tão bonito?" Ella disse que ha mais de 20 annos, quando era menina, a familia estava passando um domingo perto de uma pequena casa onde muitas creanças fôram para cantar. Ella não sabia nada das escolas dominicaes, mas gostando da musica entrou com as outras meninas, e na hora da sua morte o Espirito Santo lhe fez lembrar o hymno que tinha ouvido naquella occasião.

Depois de cantal-o virou-se para Papae e disse, "Agora estou prompta para morrer, não tenho mais medo, eu sei que Deus vae tomar conta dos meus filhos." Isto aconteceu num domingo. Na manhã seguinte ella estava quieta, socegada, e em paz fazia oração. Eu era ainda um menino muito pequeno, mas lembro-me daquella manhã como se fosse hontem—posso fechar os meus olhos e ver o carro, a tenda, o fogo, a roupa que Papae tinha lavado e pendurado nos arbustos, nosso cavallo pastando no campo, posso ver as folhas oscillando com a brisa da bella manhã e ouvir os passarinhos cantando. Minha irmã, Tilly, e eu estavamos andando no caminho com as nossas mãos dadas; não podiamos ficar com Papae, porque elle estava tão triste que não podia pensar em nós. Todos os outros filhos estavam doentes. De repente ouvimos Emily, nossa irmã mais velha, chamar "Rodney". Fomos correndo e quando chegámos perto da casa ella disse chorando, "Rodney, Mamãe está morta". Emily tinha se levantado da cama e saido para nos chamar e contar a triste noticia. Bem me lembro que caí no chão como se tivesse levado um tiro e chorei dizendo: "Eu nunca serei como outros meninos porque não tenho mãe." E aquella impressão nunca me deixou até hoje; ainda que seja homem, ás vezes tenho tantas saudades de Mamãe que o meu coração dóe e os meus olhos enchem-se de lagrimas. Não ha palavras que possam exprimir a tristeza que a morte de Mamãe nos causou.

Sendo sómente ciganos, as autoridades não nos permittiram realizar o enterro durante o dia, por isso foi necessario guardar o corpo de nossa querida mãe até meia noite para enterral-o nessa hora. O caixão estava em cima de duas cadeiras perto da tenda, Papae estava lavando o carro e arrumando as cousas quando reparou que a nossa tenda estava incendiando e em poucos minutos achava-se em cinzas quasi tudo quanto possuiamos. Papae fez o possivel, mas não pôde apagar o fogo. As faiscas caíam ao redor e nós chorando gritavamos, "Mamãe vae ser queimada". Nenhuma faisca, porém, caiu sobre o caixão. Mais ou menos ás onze horas daquella noite, chegando uma carroça que pertencia a um pobre fazendeiro que morava perto, puzeram o caixão dentro e partiram para o cemiterio. Papae foi o unico da familia que os acompanhou. Quando voltou já tinha passado a meia noite. Com o seu coração partido, atirou-se ao chão, pediu o auxilio de Deus e prometteu-Lhe que dahi em diante faria o melhor possivel para ser bom pae e tratar bem os seus cinco filhos.

Nossa irmãzinha viveu sómente duas semanas, e morreu. Foi enterrada ao lado de Mamãe no cemiterio de Norton, perto de Baldock na Inglaterra.

Precisámos ficar ali tres semanas antes de receber licença do medico para viajar. Então Papae partiu com os quatro filhos em nossa casa ambulante, deixando a tenda em cinzas e Mamãe com nossa irmãzinha no cemiterio.

GALERIA

Nasceram em Março:

Castro Alves

Alexandre Herculano

Johann Bach

Gipsy Smith

UM AMIGO DOS ESCRAVOS

Castro Alves, poeta brasileiro, chamado "poeta dos escravos", começou a carreira litteraria aos 17 annos e possuia em alto gráu uma imaginação poderosa e viva. A natureza descripta nos seus versos apparece com um esplendor, um colorido, uma verdade, uma alma, não vistos até então na poesia brasileira.

Falleceu com 24 annos de edade, tendo sómente sete annos de trabalho litterario, e legou á nossa litteratura thesouros preciosissimos.

O CORAÇÃO

(Castro Alves)

O coração é o colibri dourado
Das veigas puras do jardim do céu.
Um tem da granadilha agreste,
Bebe os perfumes que a bonina deu.

O outro—vôa em mais virentes balsas.
Pousa, de um riso, na rubente flôr.
Vive do mel a que se chama—Crença,
Vive do aroma a que se diz—Amor.

ALEXANDRE HERCULANO

Alexandre Herculano, um dos maiores vultos da litteratura portugueza, moderna, foi um soldado valente que luctou e soffreu em prol da liberdade da patria.

D. Pedro II, Imperador do Brasil, tinha por este portuguez illustre a mais alta consideração. Quando foi a Portugal pela primeira vez um dos seus primeiros actos, logo que ahi chegou, foi escrever a Herculano informando-o do proposito em que estava de o visitar na sua quinta de Val de Lobos, onde o escriptor tinha fixado residencia. E lá o visitou.

Os livros de Herculano, que são muitos, primam todos pela pureza da linguagem e pela elevação dos conceitos.

Um dos traços mais apreciaveis do caracter de Herculano é a sua fé em Deus e o seu apreço pelo Evangelho de Christo.

Em Herculano, temos, pois, que admirar o liberal, o litterato, o poeta, o historiador e o philosopho crente.

Honra á sua memoria!

O PAE DA MUSICA

Johann Sebastian Bach, o mais moço dos filhos do casal Bach, era a alegria do seu lar. Foi um menino verdadeiramente feliz até aos 9 annos, quando o pae falleceu, e dahi por diante a vida nem sempre lhe sorriu.

Depois da morte do pae foi morar com um irmão 20 annos mais velho do que elle, o musico Christoph. Este quiz ser bondoso e tratar bem do irmãozinho, mas não pôde; tinha alguns filhos e muitas vezes lhe faltava o dinheiro necessario para o sustento da familia; isto o tornava nervoso e impaciente.

Christoph começou a ensinar Johann a tocar orgão e violino, porém este era um verdadeiro genio e em pouco tempo sabia mais do que o mestre.

Este facto despertou a inveja de Christoph, que se tornou mais severo, chegando ao ponto de maltratar o irmão.

Christoph possuia um livro, manuscripto, contendo peças de musicas dos compositores mais celebres daquelle tempo. Johann desejava ardentemente tocar aquellas peças, mas o invejoso mestre sempre lhe dizia: "Este thesouro não é para creanças".



JOHANN BACH

Um dia, Johann, olhando para o vão da porta, viu que podia introduzir nelle o dedo e assim levantar a tranca, abrir a porta, podendo apoderar-se do thesouro que o fascinava. Esperou até ás horas caladas da noite, e então levantou-se devagarinho e abriu a porta, tirando o livro de Christoph. Correu para o quintal e ali, á luz prateada da lua cheia, se poz a copiar as musicas. Este trabalho levou seis mezes e nem sempre havia luar, muitas vezes as copiou á pallida luz da lua minguante.

Com que alegria o pequeno musico se viu possuidor daquellas celebres peças. Mas isto pouco durou porque Christoph, descobrindo o manuscripto, indignado, tomou-o, sem pensar na dôr que isto ia causar ao irmãozinho.

Pobre Johann! Aquellas horas empregadas em tão arduo trabalho lhe prejudicaram a vista e alguns annos mais tarde quasi ficou cego.

Aos 15 annos deixou a casa do irmão e foi internar-se em um collegio, onde pagava as despesas, usando a sua linda voz de soprano no coro da escola.

Bach tornou-se o "pae da musica" porque aperfeiçoou os methodos, tocando com dez dedos o que até então era feito sómente com seis dedos.

Este grande genio, ao casar-se, teve uma vida socegada e feliz. Seu primeiro cuidado estava no bem estar do lar e na fina educação dos seus vinte filhos.

Passava as horas compondo e escrevendo musicas, aperfeiçoando aquella arte que era de sua paixão.

Este que amou e adorou a musica, soube tambem applical-a a sua vida diaria. Passou uma vida feliz e houve tanta harmonia em seu lar, que um famoso pintor achou digno de ser assumpto para um quadro. Esse quadro chama-se: "Oração matinal no lar de Bach".

Eis o quadro: — Bach, o pae, sentado, tocando piano, ao lado o filho mais velho, alto, elegante, tocando violino, e os outros agrupados cantando em côro. O menorzinho, deixando o berço, engatinhava em direcção a um gatinho que se escondia em baixo do piano.

O mundo todo honra e aprecia ao "pae da musica".

A CHRISTO, O VENCEDOR DA MORTE

Outróra o povo hebreu veiu encontrar-te
Com triumphantes palmas;
Hoje, a teus pés, a prece, o voto, os hymnos
Vêm depôr nossas almas.

Elles o culto de louvor te davam
A ti que ias morrer;
Hoje, a ti, ó Rei vencedor da morte,
Nos cabe um canto erguer.

Tu, que os seus cultos acceitaste, oh! Santo,
Oh! clemente Senhor,
Rei, que abençoas o que é justo, acceita
Nosso submisso amor.

(A. Herculano)

A Pagina dos Leitores

("Eu vejo em cada creança a possibilidade do homem perfeito")

O ARDIL DE MANOELZINHO

Manoelzinho era filho do jardineiro da familia Bastos, que habitava um confortavel e pinturesco chalet nas cercanias de uma florescente cidade.

O extenso parque que circumdava todo o chalet era de uma magnificencia sem par, e o odor dos lindos cravos, das roxas violetas e dos alvos jasmins impregnava aquelle ambiente, onde se respirava a verdadeira vida do campo.

Ahi vivia Manoelzinho que, ajudado pelo pae, ia adquirindo o habito do trabalho. Ao romper da aurora, apezar dos seus oito annos, lá ia elle com a enxadinha ao hombro e o regador na mão, a caminho do parque. Era muito trabalhador o Manoelzinho! Pois que! com aquelle tamanho já tinha preparado diversos canteiros e nelles vicejavam lindos e rubros cravos, cujo perfume inebriante impregnava todo o ar em redor.

Manoelzinho era estimado por todos que o conheciam. Nas horas de folga, divertia-se com os dois unicos amigos que então possuia: a filha da lavadeira, uma meiga menina chamada Ruth, e um cãosito, pertencente á mesma menina.

Ruth queria muito ao seu amigo Manoelzinho e ao valente cãosito, que se chamava Velludo.

Velludo não era um desses cãesinhos de luxo, mas um simples cachorrinho vulgar. Não trazia os pellos encrespados nem ostentava laçarotes de fita ou colleiras de ouro ao pescoço; mas seu pello curto e branco andava sempre mais alvo do que o leite, devido aos cuidados de Ruth...

Havia, nas propriedades do Sr. Bastos, um homem que fiscalisava os trabalhos diarios. Era o "feitor", como lhe chamavam. Baixo, gordo, muito queimado pelo sol, era homem de apparencia pouco agradavel. Seus olhos tinham um brilho estranho e nelles transparecia uma especie de crua frieza, que deu motivo a ser por todos temido, principalmente pelas creanças, que fugiam espavoridas mal o avistavam de longe. O feitor trazia sempre comsigo um pedaço de pau, com o qual se servia para espancar os pobres animaes.

Manoelzinho e Ruth, assim como as outras creanças, não apreciavam aquelle homem brutal e ainda mais o detestaram ao saberem que elle nutria verdadeiro odio a Velludo, pelo motivo seguinte: um dia, um seu filho de nome Antonio (que herdára todas as más qualidades do pae), passando em frente á casa de Ruth, começou a atirar pedras sobre as alvas peças de roupa que, cuidadosamente estendidas num varal, seccavam ao sol. Velludo, como bom vigilante que era, não podendo conter sua indignação contra o acto que praticava aquelle malvado menino, arremetteu-se de encontro a elle e, cravando-lhe na perna uma valente dentada, fugiu.

Antonio, mais cheio de raiva do que de dôr, chegou á casa chorando e pediu ao pae que fosse immediatamente matar aquelle maldicto cão. E só pela bondosa intervenção do Sr. Bastos, é que não foi realizado o intento do mau menino; mas, desde então, o feitor perseguia cruelmente o innocente Velludo,

e, se o apanhava de geito, eram tremendas surras que o pobre cão soffria.

Como disse, o Manoelzinho era muito madrugador. Quando os primeiros raios do sol davam seu primeiro "bom dia" á terra, ha muito já se havia elle levantado.

Uma manhã, estava elle a regar as flores de um canteiro, no fundo do parque, quando ouviu, de subito, gemidos dolorosos. Immediatamente reconheceu serem de Velludo, e correu até a cerca. Ahi viu, indignado, o feitor que, sem compaixão alguma, arrastava o pobre Velludo por uma corda. O animalzinho obstinava-se em não caminhar, mas o malvado homem a isso o obrigava, applicando-lhe varadas.

Manoelzinho logo percebeu que a intenção do feitor era exterminar o animal. Correndo como um louco, foi até ao rancho onde seu pae guardava as ferramentas de jardinagem e, tomando de uma grande tesoura de podar, maior do que elle mesmo, voltou á sebe.

Na leve penumbra da manhã seria difficil percebê-lo escondido entre a ramaria da cerca. Logo chegaram perto delle o feitor puxando o cão e este, quasi exhausto de forças, a uivar, que mettia dó. Sem o menor ruido, Joãozinho levou a tesoura até a corda que prendia a Velludo e cortou-a. O animal, ao se ver livre, ficou meio doido de alegria e correu em carreira desenfreada para a casa de sua querida dona.

Espantado e raivoso, o feitor olhou para todos os lados para ver si descobria quem lhe tirava tão azada opportunidade de vingar o filho. De um salto, transpoz a cerca do parque mas ninguem achou; pois o Manoelzinho, de ha muito havia fugido. Não conseguindo encontrar o libertador de Velludo, o feitor dirigiu-se para casa, fazendo mil ameaças a quem tinha assim zombado delle.

Mais tarde, quando o sol já tinha apparecido de todo, Manoelzinho, rindo-se gostosamente, contou o occorrido a Ruth. Esta pagou-lhe com um ruidoso beijo a boa acção que praticára, mas, inquieta com as ameaças do feitor, foi pedir a sua mãe que falasse ao Sr. Bastos, solicitando-lhe protecção para o seu querido Velludo.

No mesmo dia, o Sr. Bastos falou com o feitor e prohibiu-lhe, sob pena de despedi-lo do serviço, de fazer qualquer mal, não só ao pobre Velludo, mas tambem a todos os animaes da fazenda.

Desde então, nunca mais foi Velludo molestado pelo feitor e mais se accentuou a amizade entre o heroico Manoelzinho e a meiga Ruth.

As borboletas azues



Queres saber porque os poetas,
Que tanto gostam da luz,
Dizem-nos que as borboletas
Mais bonitas são azues?

Eu vou dizer-t'o sem medo
De infringir a lei vedada,
Desde que a coisa é segredo
Só para a gente inspirada:—

Deus, pretendendo de estrellas
Ornar o nocturno veu,
Pensou, e para fazel-as,
Deu uns piques pelo ceu.

E quando os furos se abriram
Por onde jorrou a luz,
Desses recórtes sairam
As borboletas azues.

Moraes Silva.



NOSSOS AMIGUINHOS

A BONECA DE DULARI

As vozes agudas e claras, de tres meninas que ajuntavam pausinhos para o fogo, enchiam o campo.

"Não pertenço a casta baixa, sou uma christã", gritava Dulari.

"Todos os christãos são de baixa casta, comem carne de vacca! papae contou-me", replicou Munia.

"Não tens banquetes nem idolos em casa", disse com desdem Sita.

"Não tenho que me casar com um homem que não conheço, nem abandonar meu pae e mãe para ser escrava da futura sogra", contestou Dulari.

Munia e Sita ficaram silenciosas. Em poucos mezes estariam casadas e, pezarosas, deixariam o lar para serem escravas da sogra.

"Contam, apenas, oito annos e não poderão mais brincar, passarão os dias cozinhando e fazendo toda a especie de limpezas. Eu irei á escola onde brincarei com as collegas; não sou obrigada a me casar tão cedo", continuou Dulari.

"Mas apezar de tudo isso, és de baixa casta, teu pae e tua mãe tambem e não queremos brincar comtigo", falou Munia.

Então Munia e Sita ajuntaram os gravetos e correram para casa gritando: "Christã de baixa casta! christã de baixa casta!"

Dulari entristeceu-se. Teve vontade de correr e atirar os gravetos nas duas que desappareciam, mas a sra. Sahib, esposa do missionario, lhe dissera que a menina christã não retribue o mal que recebe. O missionario sr. Sahib, com a esposa e tres filhos, moravam em um bosque de mangueiras perto da villa. Dulari os amava e por isso alegrou-se ao pensar nos amigos. Desde que Munia e Sita me desprezam, pedirei a mamãe para brincar com Helena, Billy e Joãozinho, os filhos do missionario. Dulari regressou ao lar e obtendo o consentimento da mamãe dirigiu-se alegremente á casa da sra. Sahib, onde gosou algumas horas.

Emquanto chegava, Helena foi encontral-a e disse: "Viva Dulari! vamos brincar!"

Trouxeram logo os brinquedos.

"Que é isto?" exclamou Dulari.

"E' a cama da boneca, olha aqui os lençoes, o cobertor e os travesseiros. Venha! quero mostrar a mobilia da boneca—a mesa, as cadeiras e a louça."

Dulari entrou. Oh! como desejava que os amigos indús a pudessem ver agora! Com certeza Munia, Sita e Iqbal não a chamariam de christã de baixa casta, vendo-a assim rodeada de tantos carinhos.

Depois de ver e rever todos os brinquedos, Dulari lembrou-se que tinha de ajudar a mãe e despedindo-se dos amiguinhos correu para casa. Pensava na linda boneca que vira.

"Como e quando hei de obter uma?" suspirava ella.

Ao avistal-a, a mãe gritou: "Depressa, Dulari! venha ajudar-me a moer o milho para o jantar".

Ao chegar, encontrou a mãe assentada fóra da casa e, ao lado, a mãe de Munia e Iqbal, as quaes, com grandes pedras, moiam o milho. No quintal brincavam Gangu e Bay Nath, irmãos de Munia, e assentado debaixo de uma grande palmeira o pae fumava o cachimbo.

Dulari, agachando-se ao lado da mãe, começou a moer, usando primeiro a mão esquerda, depois a direita. O trabalho era pesado, os seus pequenos braços e costas doiam; hoje, porém, Dulari não sentia tanto, seu pensamento estava nos bonitos brinquedos e especialmente na linda boneca loura.

"Mamãe, adivinhe o que vi hoje! Uma linda boneca de olhos azues, cabellos louros, e vestido côr de rosa! Usava sapatos de couro, fechava os olhos e é a mais linda boneca de quantas vi até hoje!

"O vestido era de algodão?" perguntou a avó.

"Não, vovó, era de seda e o chapeu, de renda."

Munia, Sita e Iqbal approximaram-se ao ouvir falar de tão encantadora boneca e Dulari descreveu-a mais uma vez contando como passára horas alegres na companhia dos filhinhos da sra. Sahib.

"Si possuisse boneca igual, não me chamariam mais de christã de baixa casta," meditava Dulari.

Depois do meio dia, o bolo de milho estava prompto e fôra servido em pratos de cobre que, de tão limpos, rebrilhavam. Dulari nem percebia o sabor do bolo, tão preoccupada estava com a loura boneca. E tanto pensou na boneca que acabou por ter uma idéa infeliz—roubal-a.

Correu pressurosa á casa da sra. Sahib e ao chegar certificou-se de que tinham saido, ficando a casa aos cuidados do cozinheiro que dormia. Entrou sorrateiramente e apoderando-se da boneca correu veloz para casa. Ali chegando, chamou Munia, Sita e Iqbal e mostrou-lhes a linda boneca dizendo-lhes que recebera de presente.

"Oh! como Dulari é feliz!" murmurou Iqbal.

Era já noite. As creanças voltaram para casa e Dulari, guardando a boneca, aprompt ou-se para dormir. Antes, porém, de se deitar ajoelhou-se para orar.

"Oh! Jesus, ajuda-me a ser uma boa menina, bondosa para todos, e ajuda-me a fugir das tentações..." Aqui Dulari parou.

"Que estou fazendo? Será que Jesus me ouve? Oh! não, não é possivel, Jesus não escuta a uma ladra. Não posso mais orar emquanto não reparar minha falta. Mas, de que geito? Munia, Sita e Iqbal rir-se-hão de mim, e chamar-me-hão de christã de baixa casta e, peior ainda, ladra! Seja como fôr, preciso alliviar minha consciencia e fal-o-hei amanhã bem cedo." Com esta resolução Dulari adormeceu.

Na manhã seguinte, antes que a mãe despertasse, Dulari, levantando-se, tomou a linda boneca nos braços e dirigiu-se á casa da sra. Sahib.

Ao chegar encontrou-se com o sr. Sahib que ao vel-a exclamou: "Você por aqui, Dulari! E tão cedo..."

"E' verdade. Venho confessar minha culpa e pedir-lhe perdão", disse Dulari á meia voz.

Animada por um sorriso bondoso do sr. Sahib, Dulari relatou-lhe minuciosamente como roubára a boneca e ao terminar recebeu um abraço—estava perdoada.

Passaram-se dez mezes e Dulari ainda não se esquecera da linda boneca que sempre lhe apparecia em sonhos.

No dia de Natal Dulari recebeu um volume no qual encontrou um linda boneca loura com um cartão, onde leu o seguinte: "A Dulari, offerecemos com amor esta boneca.

Helena e Billy."



BRINQUEDOS E JÓGOS



TRATOS A' BOLA

RESPOSTAS DO NUMERO III

1. Quando descobre uma **estrella.**
2. Façam o numero 4 com tres palitos.
3. Supponhamos que pediu emprestado um cavallo, ficando, então, com 18; deu ao primeiro filho metade de 18, ou 9 cavallos; ao segundo filho deu a terça parte de 18, ou 6 cavallos; ao terceiro filho deu a nona parte de 18, ou 2 cavallos; perfazendo assim o total de 17 cavallos, e devolveu o que pedira emprestado.
4. Porque tem sempre um Peru'.

TORCER A BOLA

Arranje um pau roliço de 4m. de comprimento. Enterre esse pau ficando 3m. acima do solo e um metro abaixo. O pau deve ter 36 cm. de circumferencia na extremidade inferior e ir afinando gradualmente até attingir 12cm. de circumferencia na extremidade superior. Nesta ponta deve-se fazer um furo e passar um barbante bem forte de 2 1|2m., amarrando-o ahi com um forte nó. Na outra extremidade do barbante colloque uma bola de borracha (tennis) dentro de um saquinho feito de barbante (qualquer menina que saiba fazer crochet póde fazer este saquinho em poucos minutos.)

Ao redor do posto, a 2m. acima do chão, pinte uma faixa branca de 4cm. de largura.

O fim deste jogo é enrolar todo o barbante no poste, logo acima da faixa branca. Os jogadores deverão bater a bola da direita para a esquerda ou da esquerda para a direita, com raquetas de tennis ou de ping-pong.

O campo deve ser um quadrado de 7m. de lado. Divide-se este ao meio por uma linha branca usando-se cal bem misturada com agua. No chão, ao redor do poste, traça-se um circulo branco de um metro de raio.

No começo da partida os dois jogadores ficarão em direcção opposta dois metros distante do poste e um delles segurando a bo'a na mão esquerda ba-



tel-a-ha com a raqueta. Se não conseguir bater na bola a primeira vez, terá que ceder a opportunidade ao outro que começará o jogo batendo-a em direcção contraria. A's vezes é possivel bater a bola tão alto e com tanta força que todo o barbante fica enrolado sem que o outro jogador possa batel-a em direcção contraria.

ERROS OU FOULS

1. Passar a linha que divide o quadrado com os pés, braços ou raquetas,
2. Pisar no circulo.
3. Torcer o barbante abaixo da faixa branca.
4. Torcer o barbante ao redor da raqueta.
5. Tocar a bola ou barbante em movimento com qualquer outra cousa além da raqueta.

Qualquer um destes erros dará opportunidade ao jogador opposto de segurar a bola (sem desenrolal-a do poste) e batel-a como se fez no principio do jogo.

Quando houver mais que dois jogadores, estes serão divididos em dois partidos. Cada jogador terá a sua occasião

de jogar contra um do outro lado. Cada partida terminará quando o barbante estiver todo enrolado ao redor do poste, logo acima da faixa branca.

O jogo terminará com 11 partidas e o lado que ganhar a maioria das partidas será o vencedor.

PELLAR A COBRA

Neste jogo, que é proprio para se jogar em sala de gymnastica ou em um gramado, podem tomar parte muitos meninos. Os jogadores, em numero de



cinco até cincoenta, devem ficar em uma linha recta, conservando pequena distancia entre si. Cada jogador, curvando-se para a frente, segurará entre as suas pernas, com a mão direita, a mão esquerda do jogador de traz, e assim por deante até que todos fiquem nessa posição.



Agora começa-se o jogo, que consiste em fazer a linha mover-se para traz, caminhando os jogadores ao mesmo tempo que o ultimo jogador deve se assentar no chão, deitando-se em seguida, com a cabeça entre os pés do penultimo jogador. Caminhando os jogadores, chega a vez do penultimo jogador sentar-se e deitar-se, como fez o ultimo, tendo o cuidado de deixar os pés juntinhos á cabeça do jogador que já se acha deitado.

Os jogadores ainda continuam a caminhar e chega a vez do antepenultimo sentar-se e deitar-se, como fizeram os outros jogadores já deitados, e assim por deante, até que todos os jogadores fiquem deitados. Não devem largar as mãos emquanto durar o jogo.

Agora o ultimo jogador, levantando-se, começará a mover a linha para a frente, fazendo o penultimo levantar-se e este por sua vez o antepenultimo, e assim por deante, a linha sempre em movimento para frente, até que o primeiro jogador fique em pé.

Então recomeça-se o jogo movendo a linha para traz e vice-versa.

Este é um velho jogo chinez proprio para meninos. Além de ser muito divertido é um bom exercicio. Experimentem e depois me digam se é ou não engraçado.

PEDRAS PRECIOSAS

MEZ DE ABRIL

DIAMANTE

O diamante que é carbono puro crystallisado é a mais estimada das pedras preciosas.

Ha na natureza tres variedades de diamante: "o diamante propriamente dito", ou diamante "incolor", que é considerado como a primeira das pedras preciosas; o "bort", de faces curvas, que serve para polir o diamante "incolor"; o "carbonado", de côr negra, usado para furar as rochas mais duras pelas machinas perfuradoras.

As minas mais celebres são as das Indias, as do Brasil e as do Sul da Africa.

Antigamente só tiravam diamantes das minas da India. Como eram muito raros custavam um alto preço de modo que só os reis e principes podiam possuil-os.

Os maiores diamantes têm nomes e se elles falassem concontariam cousas interessantes de suas descobertas, de suas viagens e de seus donos.

Vamos escutar as historias contadas pelos proprios diamantes.

"O meu nome é "Regente". Fui desenterrado de um cantinho do mundo onde vivia muito socegado. Como era muito grande e bonito, passei para as mãos de um velho prior portuguez que gostava muito de joias, apesar de não poder usal-as. Depois por questão de dividas fui para a Inglaterra; dahi passei para a coroa da França, mais tarde um duque me comprou por 50.000:000$ e hoje estou muito socegado aqui no museu de Louvre, em Paris, onde vem gente de toda parte admirar-me porque sou o mais bello dos diamantes."

"Eu sou o diamante mais velho do mundo. Minha vida começou ha mais de 600 annos. Hoje me chamo 'Koh-i-Noor' que quer dizer "Montanha de Luz. Já tive o nome de "Deria-i-Noor", Oceano de Luz, e fui mais conhecido ainda por "Grão-Mogol". Pertencia a um rajá; fui roubado por soldados inglezes e dado de presente á rainha Victoria. Hoje estou no Castello de Windsor na Inglaterra."

Eu chamo-me "Orlow". Já servi de olho a uma estatua de Brahma e ahi fui roubado por um soldado francez. Passei depois a pertencer á rainha da Russia. Eu fui avaliado em 1,350:000$. Sou alguma cousa, não acham?"

"Fui desenterrado ha 18 annos de uma mina no Transvaal, no sul da Africa. Orgulho-me por ser de todos os grandes diamantes o mais puro. Sou conhecido por "Cullinan".

O DIAMANTE

I

Triste, opaco, sem brilhar,
Um diamante não polido,
Encontrava-se perdido
Pelos valles a rodar.
Um ourives ao passar,
Vendo-o, não o repelliu;
Cuidadoso elle poliu;
E formoso então, luzente,
Magnifico, esplendente,
A luz do sol reflectiu.

II

O homem não educado,
Qual pedra desconhecida,
Tambem acha-se na vida,
Triste, sem luz, despresado;
Mas se busca, consagrado,
A verdade que o conduz
Aos santos pés de Jesus,
A educação o enaltece,
E em sua alma, que esplandece,
Reflecte do céu a luz.

"Bom dia! amiguinhos. Já estava ficando impaciente, quiz ser o primeiro a falar e tive que esperar tanto tempo. Sou o "Estrella do Sul", vosso patricio. A minha terra natal é o lindo Brasil. Vivia eu no rio Bagagem onde passava horas inteiras a ouvir o doce murmurio do rio e o tagarelar das lavadeiras. Um dia fui descoberto por uma negra emquanto lavava roupa e ella sem perda de tempo arrancou-me dali. Começou então a minha peregrinação e depois de correr mundos acho-me na India em poder de um principe que me aprisionou por ..... 1,200:000$. Aqui vivo a suspirar de saudades do berço humilde, embalado pelas aguas do rio Bagagem."

"Sou um bello diamante vermelho e valho 45:000$. Querem me conhecer, venham a Portugal. Aqui vivo engastado na coroa do rei e sou conhecido por o "Coroa de Portugal".

SUMMARIO

Titulo	Pag.
O Ouro e o Carvão	74
Diamante Preto	75
Plutão	78
Os Elephantes e a Lua	79
Heroes da Fé	80
Os Cães de São Bernardo	81
Os Ciganos	82
Em Nossa Tenda	82
Noticia	83
Galeria	86
O Ardil de Manoelzinho	88
As Borboletas Azues	89
A Boneca de Dulari	90
Brinquedos e Jogos	92
Pedras Preciosas	94
O Diamante	94
O Canivete Perdido	95

O CANIVETE PERDIDO

O meu canivete
Onde é que estará?
Perdi-o talvez,
Não sei que será.

Estava brincando
Ali no terraço.
Que falta me faz!
A folha é de aço.

Em todos os bolsos
Eu já procurei...
Este é o pião
Que bem o guardei



A bola, a fieira
Tambem aqui estão,
Meu lapis, meus pregos,
A penna, o cordão.

Quem sabe si algum
Gatuno ou ladrão,
Furtou-o da mesa
Do caramanchão?
Pudesse agarra-lo!
Que o punha no chão!

Mas oh! já o achei
Estou tão contente!
Mamãe no Natal
M'o deu de presente.

M. G. L. de Andrade.

O BEMTEVI

F. Haroldo. | *Melodia popular.*

Tempo di Mazurka. (♩=132 a 144).

mf

Eu co-nhe-ço um pas-sa-ri-nho mui bo-ni-to, sem i-gual,
Quan-do o sol ra-dian-te e bel-lo, traz dos mon-tes vae sur-gir,

a-mi-gui-nho dos me-ni-nos que não fa-zem mal.
seu tri-na-do tão sin-ge-lo el-le faz ou-vir.

FINE.

Bem-te-vi, bem-te-vi, can-ta lo-go ao rom-per d'au-ro-ra;

bem-te-vi, bem-te-vi, oh! me-ni-no gen-til!

D. C.